



***TRANSEXUALIDADE NA ESCOLA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO
SOBRE A PRODUÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA RECENTE***

***LA TRANSEXUALIDAD EN LA ESCUELA: UN ESTUDIO
BIBLIOGRÁFICO SOBRE LA PRODUCCIÓN EDUCATIVA BRASILEÑA
RECIENTE***

***TRANSEXUALITY AT SCHOOL: A BIBLIOGRAPHIC STUDY ON
RECENT BRAZILIAN EDUCATIONAL PRODUCTION***

Revista *Maria Eduarda Castelhana de Campos*¹
*Fabiane Ferreira da Silva*²
*Alinne de Lima Bonetti*³
Diversidade e Educação

RESUMO

A investigação analisa teses e dissertações do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, referentes ao assunto transexualidade na educação, com objetivo de identificar as principais pesquisas realizadas no Brasil sobre a relação entre escola e transexualidade no campo de estudos pós-graduados; bem como analisar como alguns conceitos são compreendidos e construídos. A pesquisa bibliográfica foi conduzida com uma metodologia de análise de conteúdo descrita por Bardin, realizada entre abril a junho de 2019, formando o universo do estudo, 11 trabalhos. As considerações apontam que a produção científica brasileira, no campo da educação, tem se dedicado ao estudo das experiências transexuais na escola e, em todas suas pesquisas, a escola apresenta-se como principal espaço onde ações violentas e discriminatórias acontecem. Conclui-se que há a necessidade de constantemente repensar a educação e a escola, para que sejam acessíveis a todos e de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade. Preconceito. Sexualidade. Ensino. Queer.

¹ Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

RESUMEN

La investigación analiza tesis y disertaciones de la base de datos de la Coordinación para el Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior - CAPES, referidas al tema de transexualidad en la educación, con objetivo de identificar las principales investigaciones realizadas en Brasil sobre la relación entre escuela y transexualidad en el campo de estudios de posgrados; así como analizar la comprensión y construcción de algunos conceptos. La investigación bibliográfica se realizó con una metodología de análisis de contenido descrita por Bardin, realizada entre abril y junio de 2019, conformando el universo del estudio, 11 trabajos. Las consideraciones señalan que la producción científica brasileña, en el campo de la educación, se ha dedicado al estudio de las experiencias transexuales en la escuela y, en todas sus investigaciones, la escuela se presenta como el espacio principal donde se configuran las acciones violentas y discriminatorias. Se concluye que existe la necesidad de repensar constantemente la educación y la escuela, para que sean accesibles a todos y con calidad.

PALABRAS-CLAVE: Transexualidad. Perjudicar. Sexualidad. Enseñando. Queer.

ABSTRACT

The investigation analyzes theses and dissertations from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - CAPES database, referring to the subject of transsexuality in education, with the objective of identifying the main researches carried out in Brazil on the relationship between school and transsexuality in the master's and doctorate's courses degrees; as well as analyzing how some concepts are understood and constructed. The bibliographical research was conducted with a content analysis methodology described by Bardin, carried out between April and June 2019, forming the universe of the study, 11 theses. The considerations point out that the Brazilian scientific production, in the field of education, has been dedicated to the study of transsexual experiences at school and, in all its researches, the school presents itself as the main space where violent and discriminatory actions take place. It is concluded that there is a need to constantly rethink education and school, so that they are accessible to all and with quality.

KEYWORDS: Transsexuality. Prejudice. Sexuality. Teaching. Queer.

* * *

Introdução

Embora o tema da transexualidade já povoasse nosso cotidiano por meio da mídia e de discussões acadêmicas, passou a despertar o interesse da primeira autora mais especificamente ao fazer parte da sua rotina por meio de uma colega de trabalho. Suelen, nome fictício de maneira a proteger a sua identidade, chegou também como estagiária na mesma escola em que exercia um estágio remunerado na área da Educação

Infantil, e apresentaram-na como Marcelo. No início, sua presença era foco de comentários, tendo aos poucos, se enturmado na escola.

Suelen passou a narrar o preconceito enfrentado em sua antiga escola, vindo de colegas e até de funcionários e funcionárias, optando por trocar de escola, de modo a continuar estudando. Na nova escola, contou que suas novas professoras e seus novos professores lhe perguntaram como ela queria ser chamada e quais comportamentos a deixavam desconfortável. Este novo capítulo de sua vida a instigou a continuar estudando e perseguindo seus sonhos.

Os problemas e as experiências diferenciais na trajetória escolar de Suelen, em virtude de sua existência transexual, instigaram a primeira autora a transformá-los em problematizações científicas de modo a estudar a relação entre transexualidade e escola na contemporaneidade, já que a experiência de Suelen parece ser algo partilhada por uma grande parte da população de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais entre outras expressões de gênero e de sexualidade (LGBTQIA+). Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Somente em 2016 foram 127 casos (1 a cada 3 dias) e, como afirmaram, a expectativa de vida é de 35 anos (GGB, 2017).

É imprescindível discutir a invisibilidade da transexualidade dentro do ambiente escolar. Estudantes transexuais são discriminadas/os e agredidas/os em um dos principais lugares que deveria lhes oferecer maior apoio e conforto, levando à evasão escolar (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos, ABGLT/2016). Faz-se necessária atenção à perseguição com maior força que a comunidade LGBTQIA+ tem sofrido no governo conservador e reacionário pós-eleições de 2018, uma vez que não é camuflado o ódio e preconceito incentivados pelo atual presidente.

Em vista destas questões, a relação entre a vivência transexual e a escola ganha novos contornos, transformando-se em um problema científico a ser investigado: como a diferença representada pelas vivências transexuais tem sido compreendida nos ambientes educacionais escolares?

A partir disso, percebeu-se a necessidade de analisar a produção científica brasileira a respeito das vivências transexuais no espaço escolar. Para tanto, projetou-se a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre como a transexualidade está sendo problematizada na educação, de maneira a fazer-se compreender sua especificidade

dentro da população LGBTQIA+. É importante que estudos como esse sejam pensados, para frisar o quanto a escola precisa ser repensada, como espaço formador de sujeitos. É necessário que as produções sobre o tema transexualidade e educação sejam mapeadas e analisadas, para que seja lembrado o quanto a escola ainda é um ambiente hostil, que cria e reproduz violências e preconceitos.

Miskolci (2017) argumenta que todos os indivíduos aprendem com a violência que permeia o âmbito escolar, tanto o discriminado quanto aqueles e aquelas que o cercam e observam. Junqueira (2009) também apresenta a heteronormatividade como aquela que não apenas constrói indivíduos como os controla. Porém, antecedendo estes, Louro (1997) já coloca, em seu texto, que a homossexualidade é apagada da escola na tentativa de combatê-la.

Com o objetivo de analisar a produção científica sobre como a relação entre a transexualidade e o ambiente escolar tem sido abordada no campo educacional brasileiro, a pesquisa intencionou também identificar as principais pesquisas realizadas no Brasil sobre essa relação no âmbito de estudos pós-graduados. Objetivou, também, investigar como as principais problemáticas envolvidas entre a transexualidade e o ambiente escolar se relacionam com os conceitos de educação, escola, corpo, gênero e sexualidade são significados e elaborados.

Para tanto, este trabalho consta de uma revisão de literatura, apresentando importantes autores e autoras que trazem visibilidade ao assunto, como Junqueira (2009); Miskolci (2017), Louro (1997) e Bento (2008; 2011; 2017). Seguida de uma detalhada metodologia, utilizando como o método a análise de conteúdo de Bardin (2011). Como conclusão, pode-se entender como gênero e sexualidade são construídos por nós desde idade escolar, e como reproduzimos o que aprendemos. É possível compreender como a escola tem sido, desde sua formação, espaço formador de sujeitos e comportamentos. Com o tempo, estudiosos e estudiosas têm observado e explanado o quanto os indivíduos saem tocados pelas experiências vividas na escola, não apenas pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, como também heterossexuais. Uma vez que na escola se aprende como se deve ou não ser, agir e pensar.

Metodologia

Esta investigação conta com uma abordagem qualitativa e se apoia na pesquisa bibliográfica para discutir a relação entre transexualidade e escola, com base prioritária no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Segundo Gil (2006), a pesquisa bibliográfica conta com seu desenvolvimento a partir de materiais já elaborados, tendo seu foco de análise principalmente livros e artigos. Para o autor, “a pesquisa bibliográfica tem como principal vantagem a possibilidade de a pesquisadora estudar, analisar um número muito maior dos dados e fatos que poderia fazer diretamente” (GIL, 2006, p. 65).

Assim, numa primeira etapa exploratória, para construção deste estudo, ao pesquisar as publicações envolvendo o descritor “transexualidade”, obtivemos 215 (duzentos e quinze) resultados.

Em segunda busca até junho de 2019, os resultados não se alteraram, porém, fizemos a divisão entre teses e dissertações. Sendo, então, 171 resultados para dissertações de mestrado e 37 publicações para teses de doutorado, totalizando 208 publicações. Destas, estabelecendo um marco temporal dos últimos oito anos, de 2010 até 2018, temos 187 resultados ao todo.

Dessa pesquisa, filtrando por Grande Área do Conhecimento, obtivemos 76 publicações para Ciências Humanas e, destas, 12 publicações são da Área de Conhecimento: Educação. Visto que uma das publicações não se encontrava disponível para acesso, fizemos assim, 11 delas o universo de pesquisa deste trabalho.

Além disso, utilizamos como método de análise dos documentos estudados, a análise de conteúdo de Bardin (2011), entendido como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Neste trabalho, os documentos estudados foram divididos em categorias, como aqueles que se referem à inclusão de pessoas transexuais na educação (básica e superior) (constam 2 trabalhos); referentes às vivências e processos de transexualização (2 trabalhos); histórias e narrativas de vivências transexuais (6 trabalhos); e aqueles que

analisam como gênero e preconceito se constroem no ambiente escolar (consta 1 trabalho). E estão disponíveis para melhor compreensão em uma tabela, visando, a partir desta organização, uma melhor maneira de analisar os objetos de estudo.

Apresentação da pesquisa e análise dos resultados

Para melhor visualização dos documentos encontrados para estudo, o trabalho disponibiliza uma tabela organizando os documentos por título, ano, tipo de estudo, universidade e, definindo um código para cada um deles. A fim de melhor representá-los durante a análise.

Tabela 1 – Universo de Pesquisa do estudo.

Título	CÓDIGO	Ano	Objetivo	Tipo de documento	UNIVERSIDADE/PROGRAMA
Gênero Politizado - narrativas de transhomens em vídeos do youtube	DT1	2018	Analisar como os transhomens, por meio de suas histórias de vida, narram as pedagogias de gênero constituintes do processo de deslocamento de um gênero a outro.	Dissertação	ULBRA/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Histórias trans-criadas: cuidados de si nas formas de re (existir)	DT2	2018	Explorar os processos de subjetivação dão sentido às trajetórias das pessoas transexuais	Dissertação	UNICAMP/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
“E Friboi!”: Discutindo gênero e sexualidade no Ensino Médio a partir do Pânico na Band	DT3	2015	Problematizar as representações de gênero e sexualidade veiculadas pelo programa televisivo humorístico de canal aberto Pânico na Band.	Dissertação	ULBRA/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
A produção da criança trans nas reportagens digitais: um olhar para os espaços educativos família e escola.	DT4	2018	Investigar a produção da criança trans em reportagens digitais, enfocando os espaços educativos família e escola.	Dissertação	FURG/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans.	DT4	2017	Investigar como se relaciona a história de vida de Leona, seu ingresso e permanência na docência, por meio da narrativa de suas experiências e vivências.	Dissertação	UFOP/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Possibilidades de acesso à educação superior: a experiência do transENEM Porto Alegre	DT6	2018	Analisar a experiência do curso transENEM Porto Alegre enquanto dispositivo para acesso à Educação Superior	Dissertação	Universidade La Salle/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação

Memórias de professoras transexuais no Leste do Mato Grosso do Sul	DT7	2017	Descrever e fazer conhecer a história de vida de professoras transexuais.	Dissertação	UFSM/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Formação das pessoas transexuais na universidade federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico	DT8	2017	Analisar o processo de formação e permanência das pessoas transexuais na Universidade Federal, refletindo sobre suas trajetórias de vida como estudantes universitárias/os.	Dissertação	UFS/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Transmulheres e sua relação com a família: desafios durante o processo de transexualização	DT9	2017	Conhecer quais são os desafios que a pessoa trans enfrenta na relação familiar durante o processo de transexualização	Dissertação	UNIPLAC/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
A pedagogia do salto alto: Histórias de professores transexuais e travestis na Educação Brasileira	DT10	2013	Analisar a história de professoras transexuais e travestis atuantes na educação brasileira.	Dissertação	UFRGS/ Programa de Pós Graduação em Educação/ Mestrado em Educação
Pedagogia de gênero em narrativas sobre transmasculinidades	TD1	2017	Analisar aspectos das transmasculinidades a partir dos relatos autobiográficos de quatro transhomens brasileiros	Tese de Doutorado	UFSCAR/ Programa de Pós Graduação em Educação

Fonte: CAMPOS, 2020.

Legenda tabela 1 - Código DT: referente a dissertações; Código TD: referente à tese de doutorado.

Inclusão de pessoas transexuais na educação (básica e superior)

São duas dissertações encaixadas nesta categoria: Possibilidades de acesso à educação superior: a experiência do transENEM Porto Alegre (DT6), de Cintia Itaquí; e Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico (código DT8), de Adriana dos Santos.

Com o objetivo de analisar e discutir as problemáticas e auxílios que permeiam a inclusão das pessoas transexuais na educação, o trabalho DT8 focou seus estudos nos conceitos de gênero e sexualidade, dentre outros. Já o DT6 apresentou trajetória de espaços educativos, apoiando-se em teóricos e teóricas que abordam a transexualidade e a educação. Destaca-se, ao longo dos trabalhos DT8 e DT6, a importância do acesso ao ensino superior pelas pessoas transexuais, assim como sua permanência com dignidade neste espaço, sendo evidenciada a trajetória e a eficácia de um curso preparatório para o ENEM, destinado a transexuais.

A partir da análise do coletivo transENEM, o trabalho DT6 percebeu que muitas das dificuldades enfrentadas se dão pela falta de base escolar que vem do ensino básico (fundamental e médio), apontando que “há dificuldades de escolarização antes e no ensino médio que precisam ser atendidas para que o/a estudante chegue à universidade” (DT6, p. 70). O estudo expõe o quanto é prejudicial para as pessoas transexuais um sistema educacional falho e que as exclui, por não se encaixarem nos padrões heteronormativos social e culturalmente impostos. E é isto que precisa ser discutido, o quanto a escola acaba por excluir e “expulsar” estas pessoas; lugar no qual deveriam se sentir acolhidos, acolhidas e com oportunidades. Assim como Louro (1997) já nos coloca, é a escola que determina nossos espaços, para identificação e agrupamento, “baseando-se em suas atribuições de cor, idade, gênero, classe social e habilidades” (LOURO, 1997, p. 58).

Por sua vez, o documento DT8, expõe inúmeras destas resistências enfrentadas pelas pessoas transexuais no ensino superior, defendendo também que sejam discutidos e revistos quanto ao ensino básico. Abordando conceitos de gênero e sexualidade, além de sua análise, ela afirma, com seu estudo, que a ausência de transexuais na educação ainda é uma situação alarmante, abordando que o único espaço destinado a essas pessoas, pela sociedade, sempre foi a rua, a prostituição e o tráfico.

Segundo dados publicados pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), “90% da população transexual é obrigada a recorrer à prostituição como fonte de renda” (ANTRA, 2020). A associação, que publica seus boletins bimestralmente, contou com dados alarmantes sobre as mortes de transexuais no país. Deixando para reflexão a relação de ambos os dados. “Chegando a 129 assassinatos de pessoas transexuais nos primeiros oito meses de 2020, nesse contexto de pandemia o Brasil registra um aumento de 70% em relação ao ano passado, no mesmo período. É

imprescindível lembrar o aumento de casos de transfobia após as eleições de 2018” (ANTRA, 2020).

É importante mencionar também, que em tempos de pandemia em que o mundo se viu no ano de 2020, a ANTRA tornou visível que a prostituição não parou, não teve quarentena, sabendo que muitas das pessoas trans sobrevivem desse trabalho, a associação publicou até um guia com dicas para prevenção e cuidados em tempos de pandemia (ANTRA, 2020).

Em face de toda violência e segregação pelas quais as pessoas transexuais passam, sendo tratadas sempre como “doentes e anormais”, como o DT8 coloca, na universidade esse processo também se reflete, caracterizado como um “heteroterrorismo”. Segundo Louro (1997) o ambiente escolar é repleto destas ações de exclusão e violência.

Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (LOURO, 1997, p. 58).

A pesquisa DT8 expõe a evasão escolar iniciada no ensino básico e que se perpetua até o ensino superior. Enfatiza as diferenças entre os indivíduos que pesquisou, dentre aqueles encaixados no padrão heteronormativo da sociedade, que mesmo enfrentando dificuldades de aprendizado e preconceitos, não abandonaram a educação, cenário diferente para as pessoas transexuais envolvidas na pesquisa. Conclui o trabalho DT8 defendendo que os espaços escolares precisam organizar e regulamentar direitos às pessoas transexuais, uma vez que suas existências estão presentes na sociedade e são realidades dentro dos espaços educativos.

Com os estudos analisados (DT6 e DT8), pode-se concluir que, ainda que as ações de inclusão e permanência devam ser pensadas e efetuadas por parte do Governo, os espaços educacionais podem e devem se organizar para contribuir com tais ações. Ressaltando novamente que é nesses mesmos espaços que a violência, preconceito e discriminação acontecem, contribuindo para evasão escolar, é imprescindível que nesses mesmos espaços esta situação se transforme e mude, tornando o ensino básico e superior como devem ser, gratuitos, de acesso a todos/as, e dignos.

Louro (1997) defende que, para que consigamos enxergar estudantes que sofrem com essas distinções na escola, precisamos admitir que a escola não somente transmite conhecimentos, mas que é um lugar que fabrica pessoas, cidadãos:

[...] se reconhecermos que essas identidades de gênero, classe e étnicas estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 1997, p. 85).

A escola é espaço onde os indivíduos se expressam e expressam suas vontades, a partir do momento em que esse ambiente possa essas expressões e as coloca como erradas, está descumprindo com seu papel de instituição coletiva. É necessário que as inúmeras situações de violência sejam analisadas e que os preconceitos sejam repudiados, de modo que os diferentes conhecimentos compartilhados nesse ambiente sejam reconstruídos.

Vivências e processos de transexualização

Nesta categoria, duas dissertações estão incluídas: A produção da criança trans nas reportagens digitais: um olhar para os Espaços educativos família e escola, de Ariane Arana (código DT4); e “Transmulheres e sua relação com a família: desafios durante o processo de transexualização”, de Joelci Vargas (DT9). Ambos os estudos voltam-se para como a transexualização é apresentada para a sociedade e sentida pelas pessoas transexuais.

O trabalho de código DT4 busca investigar como se dá a produção da criança trans pelas reportagens digitais, focando em dois ambientes significativos: escola e família. Após a elucidação de alguns conceitos, como de infância e as relações de poder que permeiam este etapa, o documento DT4 aprofunda sua discussão e expõe que muitas das reportagens selecionadas e analisadas mostram processos efetivos que vão ao auxílio das crianças trans, ainda que algumas delas mostrem o quanto o espaço escolar negligencia estas crianças. Bento (2011, p. 554) explica que

A produção de seres abjetos e poluentes (gays, lésbicas, travestis, transexuais, e todos os seres que fogem à norma de gênero) e a desumanização do humano são fundamentais para garantir a reprodução da heteronormatividade. A escola é uma das instituições centrais nesse projeto (BENTO, 2011, p. 554).

A análise de código DT4, sobre a relação da escola e a criança trans, apresenta corretamente a escola como primeiro espaço educativo onde a criança deve se sentir

livre para expressar-se fora do âmbito familiar. Justificando assim a importância de tratar esse assunto.

Miskolci (2017) sustenta que o conservadorismo que assola nosso país, e as ameaças conservadoras que influenciam a educação brasileira, “têm ameaçado, mas não impedido o comprometimento de educadores/as brasileiros/as em seguir em direção ao reconhecimento das diferenças na educação” (MISKOLCI, 2017, p. 40).

Chegando em seu principal ponto de discussão, no documento DT4, com foco na escola, a análise enfatiza que esta é o espaço que mais exclui e discrimina, até ensina preconceitos a serem reproduzidos, fazendo totalmente o contrário daquilo que deveria ser, um espaço acolhedor e de oportunidade de expressão.

Tendo-se este aspecto em vista, Richard Miskolci (2017) propõe uma outra abordagem educativa.

Daí a perspectiva não normativa de educação mostrar que a experiência da abjeção não diz respeito apenas a quem foi qualificado de anormal, estranho, mas constituiu quem nós somos e muito frequentemente o que a sociedade nos faz crer que é o que há de pior em nós (MISKOLCI, 2017, p. 55).

Miskolci (2017) introduz, assim, a teoria *queer* na educação, ilustrando com um cenário em que educadoras passaram a questionar suas próprias atitudes em sala de aula, repensando suas posições autoritárias, seus modelos de comportamento e seus padrões de identidade, muitas vezes passados até silenciosamente para seus alunos e alunas. Segundo o autor, a perspectiva *queer* não propõe apenas um diálogo sobre a diversidade, mas uma análise crítica sobre o porquê das diferenças. E “é esse diálogo que pode se tornar a própria educação, mudando o papel da escola” (MISKOLCI, 2017, p. 41).

Passamos agora para a análise da dissertação, documento DT9 de 2017, na qual a autora buscou conhecer os desafios encontrados pelas pessoas transexuais ao assumirem sua identidade para a família. O trabalho apresenta duas discussões principais, as políticas públicas necessárias voltadas às pessoas transexuais e o Decreto Nº 8727/2016 que dispõe sobre o uso do nome social.

Ao serem realizadas entrevistas com os sujeitos do estudo, o documento de código DT9 expõe que a maioria das famílias teve problemas para aceitar o processo de transexualização da pessoa em questão, e que a falta de informação das famílias é um importante fator neste aspecto. O trabalho de código DT9 coloca que o processo é lento e que o afeto necessário para os sujeitos envolvidos demora a surgir. Expõe também

que, segundo seus indivíduos entrevistados, o preconceito veio primeiro da família, tendo a escola como segundo lugar, como também no ambiente de trabalho, a rejeição e discriminação causam uma significativa exclusão do mercado de trabalho.

O documento DT9 defende a relevância das discussões sobre este tema, sendo necessárias que ocorram na escola e em outros espaços educativos, como a universidade. Ressalta, ainda, seu debate nos cursos da área da saúde e nas licenciaturas, assim como na comunidade e nos meios de comunicação, entre outros, a fim de levar informação e compreensão de aspectos geralmente ignorados, na tentativa de minimizar o preconceito.

A pesquisa DT9 conclui, ainda, que o caminho na busca de respeito, dignidade e direitos pelas pessoas transexuais é longo e conta ainda com muitos obstáculos. Mesmo que algumas políticas públicas tenham surgido nos últimos anos, e alguns preconceitos tenham se desfeito, a nossa sociedade ainda é sexista, heteronormativa e violenta. Com isso, a pesquisa DT9 defende também que a escola é um dos principais lugares nos quais o processo de transexualização deve ser trabalhado e as ações de represália e preconceito devem ser desconstruídas, sem, contudo, retirar a importância de discutir o assunto em outros âmbitos.

O documento DT9 afirma que a escola, com seu papel formador de sujeitos, pode ser um instrumento eficaz e poderoso contra o preconceito e o ódio, uma vez que seja remodelada, desde seus funcionários, suas funcionárias, professores e professoras, até sua relação com a comunidade. Defende que a escola precisa ser repensada em inúmeros aspectos, pois deveria ser acolhedora, mas acaba por excluir o que é diferente e, com isso, reproduzir ignorância.

O pesquisador Rogério Junqueira (2009) aponta que, embora muitos educadores e muitas educadoras lutem contra preconceitos e violências, não estão isentos de reproduzirem na escola e na sociedade comportamentos que perpetuam preconceitos.

Temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimento, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação (JUNQUEIRA, 2009, p. 14).

Assim, o autor expõe também o quanto o papel da escola como transformador e redentor têm sido fortemente questionado, repensado e desmistificado. Afirma que o

primeiro passo para este caminho é perceber que a educação se firmou historicamente como espaço disciplinador e normalizador.

Histórias e narrativas de vivências transexuais

São seis trabalhos inseridos nesta categoria: Gênero Politizado - narrativas de transhomens em vídeos do youtube (DT1); Histórias trans-criadas: cuidados de si nas formas de re (existir) (DT2); Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans (DT5); Memórias de professoras transexuais no Leste do Mato Grosso do Sul (DT7); A pedagogia do salto alto: Histórias de professores transexuais e travestis na Educação Brasileira (DT10) e Pedagogia de gênero em narrativas sobre transmasculinidades (TD1).

No trabalho DT1, a autora estuda, por meio de narrativas das vidas dos indivíduos envolvidos, as pedagogias de gênero incluídas no processo de transexualização. Objetiva focar nos movimentos LGBTQIA+ em relação à saúde pública, fugindo do conceito de patologização. Ao longo dos capítulos, a autora trata da formação de identidade, gênero e sexualidade, resgatando o movimento feminista para melhor elucidação dos conceitos de gênero, dentre outros.

Ao admitir ter observado um silenciamento de homens trans na literatura, o documento de código DT1 defende a importância de sua pesquisa na área. E conclui que para cada sujeito envolvido em seu estudo, após todo o caminho percorrido para a transexualização, procuraram se encaixar no que é aceito cultural e socialmente esperado do gênero masculino. Ainda assim, observou que, particularmente, se manifestam contrários às normas binárias de gênero.

Para Miskolci (2017),

A maioria das crianças e adolescentes – em uma busca compreensível de aceitação e sobrevivência – aceita ou se deixa moldar pelas demandas educacionais cujo conteúdo normativo violento – mais frequentemente do que gostaríamos de constatar – não é reconhecido nem mesmo pelos educadores/as como algo a ser discutido e questionado (MISKOLCI, 2017, p. 12).

No trabalho DT2, o autor buscou investigar como se desenvolvem as trajetórias transexuais a partir de alguns processos, por meio de narrativas caracterizadas como "transcriadas". Segundo o estudo, a reconstrução do passado torna-se flexível com essa metodologia, e conclui sua discussão defendendo este método, uma vez que tensiona os

métodos tradicionais de escrita. Ainda aborda o quanto as vivências dos indivíduos expuseram e deram melhor visibilidade às circunstâncias de vida dos mesmos, podendo mostrar as dificuldades e problemáticas que permeiam o processo de transexualização, os preconceitos e as exclusões vivenciados, assim como a aceitação e a transição. Bento (2008, p. 23) sustenta que “as narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados”.

O trabalho DT5 apresenta a história de uma pessoa em específico, Leona, mulher, professora e transexual. Buscando investigar como essa história se relaciona com as dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans de permanecer nos espaços escolares. O documento DT5 afirma que essas dificuldades e violências sofridas, vindas de professores, professoras, funcionários e funcionárias, não somente de estudantes, são visíveis, e que a escola é um dos principais lugares reprodutores da transfobia.

Ainda observa que mesmo com estes obstáculos, muitas pessoas trans permanecem, ainda que padecendo na educação, e concluem seus estudos. Com isso, expõe o crescimento de docentes travestis e transexuais na escola, resistindo a todas as discriminações oriundas da heteronormatividade, atravessando todo processo de identificação e aceitação, relação com a família e educação, permanência e evasão escolar.

Este estudo, em particular, analisa como a transexualidade é abordada em ambiente escolar a partir das problemáticas envolvidas, pois uma vez que as dificuldades em torno da forma de abordagem de conceitos como gênero, corpo e sexualidade, são apresentadas à própria professora, adulta e transexual. Por meio da própria história de Leona, com particular ênfase à sua resistência, muito se aprende e se ensina; é com a resistência que se encontra força para seguir atuando em um ambiente hostil e opressor, tendo a chance de trabalhar a transexualidade na sala de aula de modo a acolher e informar.

O trabalho DT7 também apresenta a história de professoras transexuais, desta vez, no plural. Realizada de maneira semelhante, a pesquisa conta com estratégia metodológica de entrevista, que foca nos eixos: escolarização, processo de identificação, contexto familiar e infância.

Observando aspectos semelhantes ao DT5, o documento de código DT7 coloca que as histórias narradas contam as vivências dos indivíduos, demonstrando que esses, por sua vez, persistiram contra todos os obstáculos colocados em suas histórias. Destaca que as histórias narradas puderam visibilizar a resistência dos envolvidos, no quanto

esses conseguiram manifestar suas identidades, vontades e jeitos, mesmo enfrentando tantos obstáculos.

A análise finaliza defendendo a importância de abrir espaços para estudos como o analisado, em que são expostas experiências de transexuais no espaço escolar. Defende que estas vidas que lutaram em diferentes lugares e culturas, até encontrarem apoio e visibilidade, merecem ser mostradas e ainda ajudam a ecoar transformações, mostrando força e resiliência das partes envolvidas. Trata-se de outro estudo importantíssimo em relação à resistência de ser transexual em ambiente escolar, em que as problemáticas envolvidas na abordagem da transexualidade na escola acabam por ser contornadas até que os próprios indivíduos envolvidos consigam abrir caminhos para os alunos se expressarem e serem acolhidos.

Buscando dar visibilidade àquelas que, quase sempre, ficam silenciadas e à margem das produções acadêmicas, o trabalho DT10 apresenta as histórias e vivências de professoras trans no setor educacional. Objetiva, também, apontar caminhos possíveis para uma transformação na educação, em que esse espaço seja composto também por novos sujeitos. Com isso em mente, defende que esta nova pedagogia, chamada de "pedagogia do salto alto", acaba por surgir como forte movimento, devendo ser incentivada e mais visibilizada. Afirma que essas professoras existem, tendo como seu lugar a escola, e que isso provoca a escola e a própria pedagogia, de modo a serem questionadas quanto às suas normas.

A pesquisa apresenta um último aspecto negativo: outros professores e outras professoras exercitam suas transfobias, disfarçadas de valores morais, ao desconsiderarem as professoras trans como possibilitadas para exercerem a profissão. Pelo exposto pelo estudo, fica evidente que a professora trans, com coragem para explicitar aspectos de sua vida pessoal que todas as outras têm, se torna a acusada e injustiçada, principalmente quando a escola não compreende a situação e até colabora para essa discriminação. Conclui a análise aludindo que esta nova "pedagogia do salto alto", veio para ficar e precisa ser defendida.

Como último trabalho desta categoria, o TD1 objetiva trazer à tona o silenciamento das transmasculinidades, em relação a outras minorias sexuais e de gênero. Com isso, pôde perceber que as vivências dos homens trans expõem uma busca pelas diversas possibilidades de viver as transmasculinidades. Defende que as narrativas oportunizam uma reconstrução das masculinidades, saindo de concepções machistas, preconceituosas e misóginas para uma ressignificação desta experiência. Conclui

afirmando que a escola, assim como busca prender os corpos e dividir sujeitos e modos entre o que é aceitável e desejável, bonito, normal e anormal, sistema este de uma sociedade heteronormativa, também estimula a expressão do que é diferente. Tem-se notado uma forte concentração e crescimento de sujeitos que buscam traçar seus caminhos reinventando condutas e expressando outras sexualidades, gêneros, corpos etc.

É notório que a escola, como citado por Miskolci (2017), enfrenta desafios nestes novos caminhos pedagógicos. Segundo ele, “o grande desafio na educação talvez permaneça o mesmo: o de repensar o que é educar, como educar e para que educar” (MISKOLCI, 2017, p. 57). Ele explica que numa visão não normalizadora, o educar se refere aos processos dialógicos em que as vivências até então invisibilizadas, violentadas, ganham espaço no cotidiano da escola. Deste modo, para ele “modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles, de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos” (MISKOLCI, 2017, p. 57).

Sendo assim, finaliza-se esta seção defendendo a importância de repensar a escola e suas práticas heteronormativas, em busca de uma transformação significativa e que visibilize aqueles indivíduos que, desde sempre, são apagados e excluídos do espaço escolar.

Construção de gênero e preconceito no ambiente escolar

Nesta última categoria de análise encontra-se o trabalho da autora Aline Bloedow, com o título de “‘É FRIBOI!’: Discutindo gênero e sexualidade no Ensino Médio a partir do Pânico na Band” (DT3).

O trabalho tem como foco o programa "Pânico" na emissora de televisão Bandeirantes. Em sua pesquisa, a autora busca reconhecer e problematizar as representações de gênero e sexualidade por meio do programa. Ao decorrer do estudo são discutidos inúmeros quadros apresentados no show que, explicitamente, transbordam conteúdos sexuais, os quais foram categorizados pela autora em três eixos: representações de feminino, homossexualidade e transexualidade. A partir desta identificação, destaca o quanto o programa reproduz comportamentos heteronormativos, que colocam o sujeito hétero e masculino no topo de uma hierarquia social de poder. Bento (2008) aborda que

As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquia e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais, condenando à uma morte em vida, exilando em si mesmos os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2008, p. 44).

Em suas conclusões, o documento DT3 defende a necessidade de planejamento e ações conjuntas, dentro da escola como em diversos locais de atendimento à população, na busca por uma equidade de gênero e sexual.

Junqueira (2009) aponta que o processo de formação de um indivíduo heterossexual é organizado e controlado pela heteronormatividade e se constrói pela rejeição radical da homossexualidade, o que se manifesta por meio de comportamentos misóginos e homofóbicos. Para o autor, de todos os espaços onde este processo pode ocorrer, parece ser na escola que ele se consolida, concluindo, então, que a homofobia produz efeitos sobre todos os e as estudantes.

Sabe-se que é na escola que os e as jovens passam a maior parte de suas vidas; com isso, é necessário um olhar crítico no quanto esse espaço pode perpetuar comportamentos e padrões heteronormativos que perseguem inúmeros indivíduos ao longo de suas vidas. Ainda importa ressaltar que em um dos principais espaços onde as temáticas de gênero, corpo e sexualidade precisam de atenção e planejamento ao serem discutidas, são apagadas, não desenvolvidas e invisibilizam inúmeras existências.

Conclusão

O trabalho buscou conhecer as produções existentes a respeito do tema transexualidade na educação, que compõem o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Como metodologia de análise, utilizou-se do método de análise de conteúdo de Bardin (2011).

Com o estudo, encontramos 11 teses e dissertações que abrangem o tema específico. Dentre estas leituras, percebemos o quanto atentam para alguns aspectos principais, que acabam por se repetir, como a importância de dar visibilidade às pessoas transexuais, expor suas experiências de modo a buscar estratégias que alterem experiências escolares daqueles e daquelas que ainda se encontram em situações traumáticas dentro da escola. Celebramos, assim, Suelen, mulher transexual, cujas lutas diárias e experiências inspiraram esta pesquisa, que só se tornou possível a partir da sua

"(re)existência". As situações pelas quais Suelen passou devem ser enfrentadas e problematizadas pelos educadores e pelas educadoras presentes na escola.

É importante colocar que muitos dos documentos analisados também procuraram trazer a visão da escola como formadora de preconceitos, como centro de reprodução da heteronormatividade. Nos documentos analisados, os autores e as autoras buscaram defender que a escola precisa ser reavaliada e reformulada, transformada, na tentativa de oportunizar vivências mais dignas e uma aprendizagem mais significativa para as pessoas transexuais.

As maneiras de conseguir desenvolver na escola um ambiente seguro, acolhedor, fazendo com que a transexualidade e conceitos de gênero, corpo e sexualidade possam conversar e fluir de maneira natural se mostraram inúmeras ao decorrer das análises dos estudos. Depoimentos e vivências a partir da resistência de pessoas transexuais provam que é possível transformar a escola nesse espaço, onde cada estudante tenha segurança e espaço para ser quem é.

É imprescindível que a diversidade sexual e de gênero sejam compreendidas como realidade na sociedade atual. Defendemos que as violências na escola sejam enfrentadas na busca de transformar esse espaço, visto que a cada ano a situação piora para as pessoas LGBTQIA+, ainda mais agravada com a atual conjuntura política conservadora. É extremamente necessário que educadores e educadoras busquem começar por algum lugar o enfrentamento do preconceito, e um dos espaços mais relevantes é a escola.

Chamamos atenção à importância da abordagem desse assunto, em especial, para a área de Licenciatura em Ciências da Natureza, uma vez que, infelizmente, para alguns a área pode reforçar aspectos biológicos, utilizados para reprodução de preconceitos, ainda que sejam assuntos a serem discutidos e desconstruídos durante o curso. Com os conceitos apresentados ao longo desse estudo, tivemos a oportunidade de discutir as inúmeras possibilidades de uma abordagem didática em sala de aula, conversando entre ciência/biologia e sexualidades, sem que algumas concepções conservadoras sejam perpetuadas. Notamos que assuntos como transexualidade na educação e experiências vividas na escola e demais espaços educacionais têm sido fortemente abordados nas produções científicas mais atuais, como as investigadas neste trabalho.

Por fim, registramos uma reflexão acerca do que foi estudado. Muito se discute sobre o desenvolvimento dessas temáticas na escola e o quanto é difícil enfrentar o preconceito e as barreiras, por vezes, da própria gestão da escola, bem como a falta de

amparo em leis nacionais. Porém, quando as próprias alunas e os próprios alunos começam a levar essas temáticas para sala de aula, revela-se o quanta elas e eles buscam informação e a construção de um conhecimento maior. Inspirando-se em muitas professoras e muitos professores transexuais, em suas resistências nesse espaço, cada professor e cada professora pode superar as dificuldades em tratar da temática e, com isso, contribuir para a transformação do espaço escolar. Acreditamos, como educadoras, que a partir disso teremos cada vez mais a transformação da escola e a vida de inúmeras e inúmeros jovens estudantes. As análises apresentadas aqui carregam consigo uma potente força transformadora, com a possibilidade de mudar não apenas o espaço, mas o próprio currículo escolar em relação à temática da transexualidade.

É necessário frisar a importância dessas pesquisas, para que sejam sempre lembrado aos educadores e às educadoras de que a escola é coletiva, é plural, e que a educação deve ser acessível e digna para todos e todas.

Referências

AGÊNCIA BRASIL, *Brasil continua líder no ranking de países que mais mata transexuais no mundo*. Dados da ONG Transgender Europe - Publicado em HuffPost Edição BR – 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/14/brasil-continua-lider-no-ranking-de-paises-que-mais-mata-transexuais-diz-ong_a_23589407/ Acesso em: 30 jun. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Dicas para Travestis e mulheres trans profissionais do sexo em tempos de COVID-19*. 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/03/dicas-profissionais-do-sexo-antra.pdf> Acesso em: 15 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Boletim: *Assassinatos contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020 – 2020*. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/09/boletim-4-2020-assassinatos-antra-1.pdf> Acesso em: 15 out. 2020.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. *Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. Curitiba: 2016. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf> Acesso em: 30 out. 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/bento-berenice-o-que-c3a9-transexualidade2008.pdf> Acesso em: 24 out. 2020.

BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=en&nrm=iso Acesso em: 25 out. 2020.

BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador, EDUFBA. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>> Acesso em: 25 out. 2020.

BRASIL. *Decreto-lei nº 8727, de 28 de abril de 2016*. Brasília, 2016. Dispõe sobre uso do nome social e reconhecimento de identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm#art7> Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei nº 12.015, de 07 de agosto de 2009 – Dos crimes contra a dignidade sexual. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm Acesso em: 23 out. 2018.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf Acesso em: 28 jun. 2019.

DENARDIN, Jaqueline. Operação Cinderela: prostituição ou exploração sexual de transexuais. In LAU, Héilton Diego; FATIMA, Wellton S. de. (org.) *Raça, gênero e sexualidade em perspectivas discursivas: efeitos e práticas da/na violência - volume 2*. Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 315p. Disponível em: <encurtador.com.br/xD347> Acesso em: 24 out. 2020.

EGYPTO, Antonio. Orientação Sexual nas escolas públicas da São Paulo In JUNQUEIRA, Rogério. (org.) *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.

FONSECA, Jordana. *Corpos (In)desejáveis: O Fenômeno da Transfobia a partir da Perspectiva de Pessoas Trans e Psicólogos/as*. 2018. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12361/1/21376938.pdf> Acesso em: 25 out. 2020.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. *Como elaborar projetos de pesquisa*, v. 4, p. 44-45, 2002. Disponível em: < encurtador.com.br/ehiL4>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GUEDES, M^a Eunice Figueiredo. *Gênero, o que é isso? Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 15, n.1-3, p. 4-11, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931995000100002&lng=en&nrm=iso Acesso em: 23 out. 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). *Relatório parcial por ocasião do Dia internacional contra a Homofobia – Mortes de LGBT+ no Brasil* (janeiro a 15 de maio de 2019). Disponível em <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/05/relatc3b3rio-ggb-parcial-2019.pdf> Acesso em 26 mai. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério. D. (org.) Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In _____. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, João. Orientação Sexual e Identidade de Gênero na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In _____. *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*. Lisboa, Comissão para Cidadania e Igualdade de Gênero, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/64341/2/16034.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

Organização dos Estados Americanos (OEA) – *Comissão Interamericana dos Direitos Humanos (CIDH)* – EUA, 2011. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/lgtbi/> Acesso em: 22/10/2018.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Social. In JUNQUEIRA, Rogério. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* – Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.

SILVA, Jessyka. et. al. Identidade de gênero e orientação sexual: a sexualidade no contexto escolar. *Research, Society and Development*, 8(8), e12881182. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1182/973>. Acesso em: 26 out. 2020.

Trans ENEM POA. Porto Alegre – Facebook – página oficial. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/transenempoa/about/?ref=page_internal. Acesso em: 30 out. 2020.

Recebido em setembro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.